

Simonsen teme precipitação

por Reginaldo Heller
do Rio

Relançar a economia, como as altas fontes da Seplan já estão chamando uma possível reativação de setores da atividade econômica, para evitar o agravamento do desemprego e a recessão, só deve ocorrer quando o nível das reservas cambiais assim permitir. A opinião é do ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, a propósito das intenções do governo de, no curto prazo, retomar o crescimento de setores econômicos, mesmo que em ritmo moderado. A oportunidade, portanto, para essa mudança na política econômica fica condicionada ao desempenho do setor externo, hoje principal fator determinante, e, segundo Simonsen, qualquer precipitação poderá representar recuos posteriores mais indesejáveis ainda.

A idéia, que vem sendo cogitada nos meios governamentais, encontrou reações cautelosas entre os economistas da Fundação Getúlio Vargas, entre eles, o diretor do Instituto Brasileiro de Economia, Julien Chacel, para quem "qualquer relançamento da economia na atual fase de ajustamento acabará aumentando o nível de importações, exatamente o item das contas externas mais nevrálgico da conjuntura e razão para o atual ajustamento". Ele foi mais adiante, afirmando que uma tentativa, mesmo dosada, terá efeitos inflacionários: "Relançar a economia", disse Chacel, "é o mesmo que reflationar quando ainda não houve deflação." Aliás, é o próprio Chacel quem afirma o significado aparente da recuperação da balança comercial, na medida em que a estabilidade dos preços do petróleo se deve à valorização do dólar em detrimento do poder de compra de outras moedas, e sua neutralização nas contas do balanço de pagamentos provocada pela concomitante elevação das taxas de juros, daí os novos prognósticos de equilíbrio da balança comercial no nível de Cr\$ 24 bilhões.

EFEITO MULTIPLICADOR

A propósito das medidas que chegaram a ser ventiladas pelo porta-voz oficial da Seplan, Gustavo Silveira

Simonsen comentou que reaquecer apenas alguns setores da economia, como obras públicas e construção civil, e segmentos industriais, como de produção de bens populares, acaba tendo um efeito multiplicador na economia, espargindo-se para os demais setores e segmentos. A política monetária e fiscal deve ser mantida a todo custo até que ocorram sinais de estabilização econômica, a fim de que não seja necessário um recuo posterior. "É o nível de reservas cambiais que dará o tom desta reativação", disse Simonsen, preconizando, desde já, soluções novas para atender àqueles objetivos do governo. A principal, segundo o ex-ministro, é a eliminação dos subsídios ao crédito e aumento proporcional dos investimentos públicos, desde que através de recursos captados no exterior. Isso permitiria uma reativação, sem prejuízo da política de austeridade monetária, ao mesmo tempo que carrearía recursos externos necessários à formação de um bom saldo de reservas ca n-

biais, com efeitos, no seu entender, pouco acentuados em termos de taxa de inflação.

IMPACTO FOI ABSORVIDO

Simonsen disse que o impacto inflacionário da liberação de preços e da nova política salarial já foi absorvido pela economia e que essa é a melhor hora de liberar as negociações entre patrões e empregados em torno dos reajustes, mantendo-se a mesma política de salários mínimos fixados pelo governo. "Pois, desta forma", disse ele, "será possível reduzir o desemprego, hoje inevitável para muitas empresas." A consequência das negociações livres seria, inevitavelmente, o retorno às greves, hoje um fenômeno de qualquer país democrático e industrializado e que não significa desordem. Além disso, a intenção é exatamente na faixa de até três salários mínimos, cuja oferta de mão-de-obra permite fácil substituição.

CRESCIMENTO DEPENDE DAS CONTAS EXTERNAS

Também Julien Chacel se

mostrou contrário a qualquer insinuação da retomada de crescimento, mesmo em níveis moderados, pois tudo depende das contas externas, cujos sinais de recuperação ainda são insuficientes para mudanças de rumos. Durante o primeiro semestre deste ano o crescimento da indústria de transformação apresentou uma taxa negativa de 1,8%, segundo a FIBGE, e os prognósticos para o ano são, na melhor hipótese, de crescimento zero. O Produto Interno Bruto (PIB), no entanto, deverá ser um pouco maior, graças ao comportamento favorável da agricultura e do setor de serviços. Também a indústria extrativa mineral tem apresentado taxas razoáveis de crescimento, embora sua participação no cálculo do PIB seja, ainda, muito pequena. Antônio Porto Gonçalves, economista da FGV, chegou a fazer uma projeção de crescimento de 3,0% do PIB e, assim como o ex-ministro Simonsen, afirmou que o sistema financeiro deverá continuar cobrando taxas de juros elevadas.